

## Instrução e projetos de intelectualidade negra no Rio de Janeiro

---

*Stephane Ramos da Costa<sup>i</sup>*

**Resumo:** O presente artigo é fruto de uma pesquisa que tem como eixo a agência de indivíduos negras e negros em projetos de intelectualidade negra entre as décadas de 40 e 60 do século XX no sudeste brasileiro, mais especificamente no Rio de Janeiro. Estes personagens são os fundadores e associados do Renascença Clube, um espaço de sociabilidade e lazer da população negra localizado na zona norte carioca. O objetivo do artigo é analisar como a elite negra associada ao Renascença Clube é entendida aqui como intelectuais mediadores atuando na idealização de um determinado projeto educacional que serviria como estratégia de inserção social e combate à discriminação.

**Palavras-chave:** Associativismo Negro. História da Educação. Pós – abolição. Projetos Educacionais.

## Instruction and projects of black intellectuality in Rio de Janeiro

**Abstract:** The article is a result of a research that focuses on the agency of black people in projects of intellectuality between the 40s and 60s of the twentieth century in southeastern Brazil, specifically in Rio de Janeiro. The characters that are used for research are the founders and associates of the Renascença Clube, a space of sociability and leisure of the black population located in the north zone of the city. The objective of the article is analyze how the black elite associated with the Renascença Clube is understood here as mediators intellectuals acting in the idealization of a certain educational project that would serve as a strategy of social insertion and against discrimination.

**Keywords:** Post-abolition; Black Associativism; Education's History; Educational Projects

Artigo recebido em 27/11/2018 e aceito em 17/01/2019

# INSTRUÇÃO E PROJETOS DE INTELLECTUALIDADE NEGRA NO RIO DE JANEIRO

STEPHANE RAMOS DA COSTA

## Introdução

O campo do pós-abolição já se consolidou tanto na historiografia brasileira quanto nas pesquisas sobre educação e traz à tona um número cada vez maior de debates influentes para se compreender de forma mais profunda a sociedade brasileira desde os últimos anos do século XIX até pelo menos a década de 70 do século XX. Entre as tantas faces que esse tema pode nos apresentar está o associativismo negro, que se liga às estratégias de organização voluntária da população de origem e descendência africana frente à luta por espaços e que surge no Brasil já no período da escravidão, mas que ganha impulso no pós-abolição. Essa forma de ativismo negro pode ser observada em diversos grupos de outros países da América Latina e Estados Unidos que também seguiram estratégias de organização convergentes.

Até o fim do período escravista, grande parte do associativismo negro tinha como referência as irmandades religiosas espalhadas por todo o país, como nos casos da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos fundada no ano de 1640 e localizada no Rio de Janeiro e a Irmandade da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, fundada em 1817 em Porto Alegre. Elas tinham como objetivo a ajuda e proteção de seus membros, chegando inclusive a criar escolas de instrução onde alguns irmãos ministravam aulas de alfabetização e projetos que alforriavam alguns de seus irmãos. Essas irmandades religiosas desempenharam um importante papel de certa agência do negro nesses espaços, pois, é a partir dela que há o desenvolvimento de entidades como escolas, clubes negros e jornais. As agremiações que não possuíam um cunho religioso tão marcante se desenvolveram de forma muito evidente nas primeiras décadas do século XX por meio de diversas atividades que promoviam uma melhor integração entre seus associados, sejam elas de teor recreativo, esportivo, beneficente e/ou cultural. O conceito “associativismo negro” foi cunhado pelo historiador brasileiro Petrônio Domingues para designar as diversas formas com as quais a população preta e parda no Brasil conseguiu expandir suas redes de apoio mútuo e sociabilidade. Essas estratégias organizacionais passavam por maltas de capoeira, irmandades religiosas, expansão de uma imprensa voltada para seus pares e agremiações negras<sup>ii</sup>.

O estudo versa sobre o clube social negro localizado na cidade do Rio de Janeiro fundado na década de 1950. Intitulado de Renascença Clube, o espaço foi fundado em 17 de fevereiro de 1951 no bairro do Méier, um clube social negro que teria como objetivo criar um espaço de lazer e sociabilidade entre famílias negras sem que as mesmas sofressem qualquer tipo de preconceito racial, já que muitas daquelas que compunham o clube tinham a sua entrada impedida em outras agremiações cariocas, e, como consequência das inúmeras discriminações sofridas por estes, vê-se a necessidade de criação de um espaço que pudesse acolhê-los. Entretanto, daremos também uma ênfase no objetivo de criação de um local que afirmasse a identidade daquele grupo, dando agência a esses indivíduos. A agremiação já foi objeto de pesquisas acadêmicas<sup>iii</sup> e está até hoje entre as mais conhecidas do Rio de Janeiro, sendo a maior parte deles

# INSTRUÇÃO E PROJETOS DE INTELLECTUALIDADE NEGRA NO RIO DE JANEIRO

STEPHANE RAMOS DA COSTA

traçando a história do clube social como parte das experiências do associativismo negro no pós-abolição, através de uma metodologia de história oral.

## Renascença Clube

Em 17 de fevereiro de 1957 é fundado no bairro do Méier, um clube social negro que teria como objetivo criar um espaço de lazer e sociabilidade entre famílias negras sem que as mesmas sofreriam algum tipo de preconceito racial. Todas as versões estudadas demarcam o fato de algumas famílias negras terem a entrada em clubes sociais brancos carioca impedida, e, como consequência das inúmeras discriminações sofridas por estes, vê-se a necessidade de criação de um espaço que pudesse acolhê-los. Entretanto, há também uma ênfase no objetivo de criação de um local que afirmasse a identidade daquele grupo, dando agência a esses indivíduos. No momento da fundação o clube contava com a presença de 29 sócios fundadores, sendo estes 11 homens e 18 mulheres, algo que já demonstra que a presença feminina tem sua demarcação e importância desde o primeiro instante.

Inicialmente agremiação desenvolvia atividades como a hora literária, manhã dançante, saraus e declamação de poesias. Isso já mostra ajuda a confirmar a questão de aquele local ser ocupado por uma “elite negra” e aqueles indivíduos gostavam de exaltar uma identidade diferente da do negro pobre, inculto, morador de favela. Segundo a antropóloga Sônia Giacomini:

Se tratava de indivíduos bem sucedidos, que ostentavam sua distinção educacional e seu sucesso econômico. O que chama atenção, porém, é que, além de ostentarem seus títulos de doutor, ostentarem também, e, até hoje, o fato de serem um grupo de famílias, ou, se se prefere, um grupo de indivíduos organizados familiarmente<sup>iv</sup>.

A antropóloga Sônia Giacomini (PUC-Rio) apresenta em seu livro de 2006 alguns aspectos das experiências de algumas famílias fundadoras da agremiação, suas expectativas e busca por inserção social. A autora escreve sobre o momento da fundação do clube social negro, que se dá no bairro do Méier, na zona norte da cidade do Rio de Janeiro. Seu corpus documental se baseia em depoimentos de diferentes gerações de associados ao clube e, segundo elas, o Renascença surge com o objetivo de criação de um espaço de socialização e extensão das redes de sociabilidade já existentes para uma classe média negra que por diversas vezes não podia se associar à clubes cariocas de maioria branca. É interessante notar ao decorrer da leitura do trabalho da mesma como esses indivíduos possuíam valores aristocráticos e não tinham como objetivo disseminar ideais contra hegemônicos, os mesmos faziam questão de criar atividades como clubes de leitura e música erudita.

## INSTRUÇÃO E PROJETOS DE INTELLECTUALIDADE NEGRA NO RIO DE JANEIRO

STEPHANE RAMOS DA COSTA

As festas também possuíam muita atenção para os sócios do clube, que organizavam bailes de debutantes, comemorações de dia dos pais, dia das mães, aniversários, coquetéis, etc. Como o espaço da agremiação era pequeno, com o aumento de novos sócios, os eventos tiveram de ser transferidos para grandes clubes como o Sírío Libanês, Hotel Glória e até mesmo Copacabana Palace.

Ao final da década de 1950, com o aumento no número de sócios, há a mudança na sede do clube do Méier para o bairro do Andaraí. Pode-se pensar que a mudança para aquele bairro tinha como objetivo um projeto mais integracionista com a classe média carioca em geral. É nesse momento que os concursos de beleza ganham força e dão novo significado ao clube. Como já foi dito anteriormente, a presença de pessoas como a cabeleireira Dinah Duarte auxiliou bastante no processo de elevação da auto estima da mulher negra. Durante a entrevista feita com a sócia do Renascença, Nanci Rosa Azeredo é possível confirmar essa versão dos fatos.

Conheci a nossa Dinah, aí veio o movimento das mulheres que estavam sempre atentas aos acontecimentos. O [movimento] de embelezamento das mulheres foi um marco no Renascença, estimulando a auto estima na mulher negra. Quando Vera Lúcia Couto foi protagonista como mulher negra na Miss Guanabara e também para Miss Brasil, estimulava a nossa auto estima. Dinah tinha um espaço nesta casa [sede do Renascença] que funcionava como um salão. O henê da Dinah era uma coisa de louco. Mesmo que eu não tivesse muito acesso entendia aquilo. Eu frequentava um salão para passar henê em Padre Miguel, mulher negra sabe o que é isso.<sup>v</sup>

A partir das entrevistas feitas pela antropóloga, é possível levantar questões acerca do conceito de “elite negra” levantado pelos próprios depoentes. Não seguiremos aqui uma noção marxista de elite, segundo o qual estes seriam indivíduos detentores dos meios de produção no sistema capitalista e que impõe decisões válidas para todos os membros do grupo. Se continuarmos com essa linha de raciocínio, não seria possível definir esses personagens como uma elite, pois, mesmo que estes se enxergam como um grupo diferenciado dentro de sua comunidade - o que de fato pode ser visto como uma realidade já que muitos deles eram advogados, médicos, engenheiros, etc., profissões que eram e ainda são mais difíceis de serem obtidas por indivíduos negros -, eles se encaixam muito mais na categoria de classe média por também serem proletários. Nesse sentido, a categoria de “capital simbólico”<sup>vi</sup> também poderia se encaixar na definição desses indivíduos por conta do comportamento no que diz respeito à aparência, consumo, comportamento e cultura.

Em sentido semelhante, também temos o importante trabalho da cientista social Joselina da Silva (UFRRJ) que produziu sua dissertação tendo o clube como objeto. A autora também tem como um de seus objetivos compreender as experiências de negros de classe média enquanto criadores de um espaço de reelaboração de uma identidade positiva para seus pares. Joselina também tem os concursos de beleza como seu objeto principal.

# INSTRUÇÃO E PROJETOS DE INTELLECTUALIDADE NEGRA NO RIO DE JANEIRO

STEPHANE RAMOS DA COSTA

Com o declínio dos concursos de beleza, há também o movimento de surgimento e crescimento das rodas de samba. A geração que frequentava mais assiduamente o clube já era diferente ao do momento da fundação e houve também uma mudança no ethos do clube, que deixava de enxergar o samba como algo proveniente de indivíduos incultos.

Já na década de 70 inicia-se outra fase no Renascença Clube, para muitos, esse momento é o de revolução no clube. A nova geração cria o baile do Shaft<sup>vii</sup> que aconteciam semanalmente no clube e estavam sempre cheios. Muitos dos sócios que eram mais jovens naquela década enxergavam aquele movimento como uma forma de impedir que o local fosse visitado muitas vezes por homens - brancos ou negros - que estavam ali para se aproveitar das mulheres negras que ali estavam. Aquele momento reunia muitos jovens negros que havia ingressado recentemente à universidades públicas e se inseriram inclusive no Movimento Negro Unificado.

É importante pensar no Renascença Clube como um espaço que está em constante transformação, ao mesmo tempo em que busca sempre seguir o objetivo primeiro de aumentar as redes de sociabilidade entre negras e negros, exercendo influência na cidade carioca e, quiçá, nacionalmente. Se trata aqui de pensar que existem muitas identidades negras, cada uma buscando a melhor forma para negociar sua inserção social ou construção de espaços autônomos.

## Questão Educacional

Segundo o censo de 1940 para o Rio de Janeiro (na época Distrito Federal), da totalidade de indivíduos entre 5 e 39 anos que estavam recebendo instrução (sejam elas no grau elementar, médio ou superior), apenas 7,43% eram pretas<sup>viii</sup>. Esse dado é importante para se comprovar que indivíduos de cor se encontravam em uma situação muito desfavorável no que diz respeito às oportunidades de ensino e, conseqüentemente, de trabalho<sup>ix</sup>. Estudos como o do historiador Higor Ferreira<sup>x</sup> nos apontam para a reflexão sobre a agência da população preta no que diz respeito à questão educacional já no século XIX antes da abolição do regime escravista no Brasil, tendo como exemplo a Escola do Pretextato, coordenada pelo professor Pretextato Passos e Silva e que era exclusiva para alunos pretos e pardos até 1873, segundo a documentação. Essa escola é um exemplo de ativismo da população preta que nos ajuda a descristalizar pensamentos de que esta população não tinha acesso algum aos espaços escolares, como também de que não possuíamos agência em meio ao sistema escravista.

Temos como objeto nesse presente artigo a questão educacional no Renascença Clube, entendendo que os indivíduos associados àquele espaço projetavam certo ideal de intelectualidade negra para a época. Não é escusado dizer aqui que estamos mobilizando o conceito de “intelectuais mediadores” cunhado pela pesquisadora Ângela de Castro Gomes<sup>xi</sup> para nos auxiliar a entender esses personagens. Ângela cria e se

# INSTRUÇÃO E PROJETOS DE INTELLECTUALIDADE NEGRA NO RIO DE JANEIRO

STEPHANE RAMOS DA COSTA

utiliza desse conceito para compreender não só a mudança no perfil do que antes enxergávamos como um intelectual, como também ampliar os espaços que os mesmos ocupam. Esse conceito pode servir de ferramenta para se entender os personagens que estamos nos debruçando em nossa pesquisa, encarando-os como intelectuais mediadores que transmitem determinados conhecimentos a camadas que não necessariamente teriam acesso a esse produto cultural.

O Renascença Clube é fundado em um momento em que trabalhadores negros aparecem de forma mais intensa por conta do processo de industrialização e entrada em serviços públicos, após o Estado Novo, o movimento de construção desses espaços se intensifica. Maria Alice Rezende de Carvalho nos ajuda a compreender que o país naquele momento passava por um momento de centralidade política e de disputa de qual identidade nacional brasileira seria forjada. Revoltas como a de Canudos eram um dos motivos o qual fazia o Estado pensar nessa centralidade. Alguns estudos nos alertam sobre as precárias condições de vida - sejam elas econômicas ou sociais - de indivíduos pretos e pardos no que já foi o Distrito Federal do país, fazendo com que a imensa maioria da população de cor da época chegasse apenas a posição de proletário. Entretanto, expõem a existência das chamadas “honrosas exceções”, que seriam principalmente homens de cor que venceram os obstáculos impostos pela estratificação social e conseguiram ocupar posições “superiores”.

Desde o século XIX há a presença de projetos educacionais nas associações negras, como é o caso da escola de alfabetização criada pela Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos. A escola funcionava em uma sala do próprio espaço da Irmandade e ensinava noções básicas de alfabetização para seus irmãos associados. O caso do Renascença Clube segue estratégias semelhantes à da Irmandade, pois em seu próprio estatuto os mesmos declararam sua opinião acerca da instrução de seus associados e as estratégias educativas utilizadas pelos mesmos. Como já foi dito, a maioria daqueles indivíduos encaravam a educação como uma forma de combater a discriminação racial através da mobilidade social. Muitos associavam a discriminação sofrida com o comportamento de negros de classe baixa, sendo assim, ter uma cultura erudita com referenciais europeus poderiam ajudar no combate ao racismo. O clube social negro se encaixa na categoria que o sociólogo Luiz Aguiar Costa Pinto define como “associações de novo tipo”. Isso se dá pelo fato da mesma, diferente da “associação tradicional” começar a pensar na questão do ser negro e de uma identidade negra em uma sociedade brasileira. Segundo Costa Pinto, uma das principais diferenças entre essas duas categorias é o fato de que as “associações tradicionais” buscaram se distanciar do ser negro, procurando a todo momento sentir e pensar como o indivíduo branco ao cruzar ao ascenderem socialmente. Já as “associações de novo tipo” - como era o caso do Renascença Clube - ascendiam socialmente e continuavam com seus ideais de negritude<sup>xiii</sup>. Segundo ele:

É necessário contextualizarmos também que o Brasil vivia um período em que os ideais de miscigenação e “democracia racial” já haviam se instalado na maior parte de nossa sociedade, o que fazia com que aqueles negros e negras acreditassem - pelo menos em um primeiro

# INSTRUÇÃO E PROJETOS DE INTELLECTUALIDADE NEGRA NO RIO DE JANEIRO

STEPHANE RAMOS DA COSTA

momento - que a inserção social seria um caminho que era conquistado através da educação.

Entendemos aqui também que esses ideais de uma suposta harmonia racial eram utilizados para se distanciar das políticas raciais promovidas pelos Estados Unidos, local em que, para muitos, a segregação racial era muito mais violenta e evidente. Essas reflexões acerca das convergências entre políticas raciais no Brasil e nos Estados Unidos também circulavam pelo país norte-americano, chegando a fazer com que alguns intelectuais da época.

Na maior parte dessas associações de novo tipo que foram fundadas no do século XX, a questão da instrução e da cultura eram vistas como essenciais, sendo até uma forma de se diferenciarem de indivíduos negros com menor poder aquisitivo. A elegância, erudição, comportamento moralista e sofisticação era a forma encontrada na busca por uma melhor inserção social, sendo estas características encontradas nos clubes sociais negros. É importante frisar que a atuação desses indivíduos não deve ser vista através de uma perspectiva essencialista de uma identidade da raça negra, pois, quando enxergamos dessa forma, acabamos legitimando apenas as manifestações de matriz africana, concluindo que esses homens e mulheres negros estavam apenas buscando um “embranquecimento”. Seguindo a perspectiva do historiador Petrônio Domingues, mesmo que esses cidadãos tivessem posturas mais conciliatórias, os mesmos não possuíam ideais de branqueamento<sup>xiii</sup>. O caso do Renascença Clube não era diferente, pois, desde a sua criação, há a preocupação com a criação de projetos como clubes de leitura, alfabetização e música erudita. Isso assinala mais uma vez como esses indivíduos acreditavam que a educação era o caminho para uma mobilidade social. O sociólogo Costa Pinto nos auxilia para a compreensão de alguns dos significados da educação para aqueles indivíduos.<sup>xiv</sup>

Não temos a pretensão de dar à educação um tom completamente salvacionista. Entretanto, ela acaba sendo um fator essencial no que diz respeito à ascensão e mobilidade social, fazendo com que uma parte da população afrodescendente perceba isso e projete expectativas para a melhoria em sua qualidade de vida.

## Considerações Finais

Ao buscar uma análise conjuntural de parte da população negra nas décadas de 40 e 60 do século XX foi possível primeiramente não essencializar a suposta ideia de que seriam indivíduos completamente passivos e aquém de sua própria história. Exemplos como a Escola do Pretextato como a Escola da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos são mais do que plausíveis para confirmar que desde antes mesmo da abolição da escravatura algumas estratégias foram pensadas e acionadas para a resistência e afirmação política. Não é de hoje e nem do século XX que a história cultural negra registra a atuação de homens e mulheres negros ocupando posições no mundo intelectual. O Renascença Clube foi - e ainda é - um produto dessas expressões do ativismo no pós-emancipação por também ser um exemplo de como uma boa parcela de indivíduos negros conseguem expandir suas redes de sociabilidade e apoio mútuo de diferentes formas, entre elas, a da educação.

É necessário, portanto, que se compreenda que não há uma tentativa aqui de dar um olhar salvacionista e romantizado da educação para acabar com qualquer tipo de discriminação racial no Brasil. Entretanto, é interessante pensar como esse ideal de

# INSTRUÇÃO E PROJETOS DE INTELLECTUALIDADE NEGRA NO RIO DE JANEIRO

STEPHANE RAMOS DA COSTA

educação como estratégia de inserção e mobilidade social está presente até os dias atuais em famílias negras, independente da classe social. “Estudar para ser alguém na vida” ainda hoje é uma frase muito escutada e tem sua origem em espaços como os do associativismo negro. Buscamos compreender as experiências desses indivíduos para analisar os projetos educacionais que os mesmos formavam. Não é escusado dizer que apresentando o conceito de “intelectuais mediadores” da historiadora Ângela de Castro Gomes, foi possível compreender em qual categoria esses personagens podem muito bem serem inseridos, pelo fato dos mesmos apropriarem de conceitos, narrativas para propagar em suas comunidades e acreditamos que esses associados possam ser assim chamados.

Muitas críticas recebidas por essa classe média negra seria a de que eles tinham como objetivo embranquecer aqueles indivíduos. Para contrapor essa ideia, precisamos ter em mente que a nossa população negra não é homogênea, não existindo uma essência do que seria a identidade negra geral na qual todos tivessem que se apropriar para serem considerados negros. O fato de alguns negros se interessarem por aspectos de algumas culturas europeias não diminui a discriminação racial que eles pudessem estar sofrendo. Aqueles indivíduos são negros da diáspora africana vivendo em uma sociedade ocidental, o que os fazem ter contato com muitos aspectos de outras culturas. Devemos ter em mente que aquelas pessoas construíram espaços para outras pessoas negras.

---

<sup>i</sup> Mestranda o Programa de Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro – PPGHC/UFRJ e bolsista pela agência de fomento CAPES. O texto é resultado do trabalho final da disciplina de História Intelectual, ministrada pela Professora Doutora Ingrid Casazza.

<sup>ii</sup> DOMINGUES, Petrônio. **A nova abolição**. São Paulo: Selo Negro, 2008.

<sup>iii</sup> GIACOMINI, Sônia. **A Alma da Festa: Família, Etnicidade e Projetos num Clube Social da Zona Norte do Rio de Janeiro - O Renascença Clube**. Belo Horizonte: Editora UFMG 2016; SILVA, Joselina. **Renascença: Lugar de Negros no Plural**. 2001. Dissertação. UERJ.

<sup>iv</sup> GIACOMINI, Sônia Maria. **A Alma da Festa: Família, Etnicidade e Projetos num Clube Social da Zona Norte do Rio de Janeiro - O Renascença Clube**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2006.

<sup>v</sup> Entrevista com Nanci Rosa de Azeredo, atual diretora do departamento cultura e frequentadora de décadas do clube. A entrevista foi realizada no dia 23 de março de 2017.

<sup>vi</sup> BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

<sup>vii</sup> Um personagem detetive negro de um filme e seriado da TV americana da década de 1970.

<sup>viii</sup> COSTA PINTO, Luiz de Aguiar. **O Negro no Rio de Janeiro**. p. 157.

<sup>ix</sup> É necessário que se tenha em mente que a educação não era o único fator que desfavorecia indivíduos negros na sociedade. Um exemplo são as discriminações sofridas pelos mesmo em seleções de emprego, mesmo que estivéssemos falando de indivíduos negros com o mesmo grau de instrução que indivíduos brancos.

<sup>x</sup> FERREIRA, Higor Figueira. Mais que uma Escola: a construção de um currículo para uma escola de meninos pretos e pardos na Corte. In: MAC CORD, Marcelo; ARAÚJO, Carlos Eduardo Moreira de; GOMES, Flávio dos Santos.. (Org.). **Rascunhos cativos: educação, escolas e ensino no Brasil escravista**. 1ed. Rio de Janeiro: Faperj/7Letras, 2017.

<sup>xi</sup> GOMES, Ângela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos. **Intelectuais Mediadores: Práticas culturais e ação política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

<sup>xii</sup> Segundo ele, “Enquanto que as antigas elites, na medida em que ascendiam, tinham a preocupação de branquear-se, confundindo-se em tudo com o extrato branco superiormente colocado, as novas elites negras pretendem ascender como elites negras, sem deixarem de ser negras, negras mais do que nunca, declarada e orgulhosamente negras, apolôgicas da *negritude*” (COSTA PINTO, p. 241)



# INSTRUÇÃO E PROJETOS DE INTELLECTUALIDADE NEGRA NO RIO DE JANEIRO

STEPHANE RAMOS DA COSTA

<sup>xiii</sup> A procura de acomodação e ascensão social na sociedade inclusiva implicou a adoção de uma linha editorial conciliatória, fundada num discurso racial pacífico e ordeiro.” (Domingues, 2008, p. 51).

<sup>xiv</sup> Queremos assinalar aqui, porém, a ambivalência de valores que existe na sociedade a respeito da mobilidade social do negro por via da educação: de um lado, considera-se que o alevantamento cultural das massas de cor é a condição mais importante a ser atendida para ensejar a sua ascensão social; de outro, a formação de uma elite de negros instruídos, nos quais inevitavelmente germina a ambição de subir e galgar posições, é interpretado como sinal de inquietação e insatisfação das massas de cor, não raro até como prova de intolerável petulância e insolência contra o branco” (COSTA PINTO, p. 161).

## Referências Bibliográficas

- CHALHOUB, Sidney. **Visões de Liberdade: uma História das Últimas Décadas de Escravidão na Corte**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: Fundamentos e Métodos**. 3a. ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- DE CARVALHO, Maria Alice Rezende. **Intelectuales negros en el Brasil del siglo XIX** In.: História de los intelectuales en América Latina, Carlos Altamirano (org.)
- DOMINGUES, Petrônio; GOMES, Flávio. **Políticas de Raça: Experiências e legados da abolição e pós-emancipação no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2014.
- \_\_\_\_\_. **Da Nitidez e Invisibilidade: Legados do Pós-Emancipação no Brasil**. Belo Horizonte: Editora Fino Traço, 2013.
- \_\_\_\_\_. **Experiências da Emancipação: biografias, instituições e movimentos sociais no pós-abolição (1890-1980)**. São Paulo: Selo Negro, 2011.
- DOMINGUES, Petrônio. **A nova abolição**. São Paulo: Selo Negro, 2008.
- FERREIRA, Higor Figueira. **Mais que uma Escola: a construção de um currículo para uma escola de meninos pretos e pardos na Corte**. In: MAC CORD, Marcelo; ARAÚJO, Carlos Eduardo Moreira de; GOMES, Flávio dos Santos. (Org.). **Rascunhos cativos: educação, escolas e ensino no Brasil escravista**. 1ed. Rio de Janeiro: Faperj/7Letras, 2017, v. 1, p. 214-232.
- FONSECA, Marcus Vinicius. **População negra e educação: o perfil racial das escolas mineiras no século XIX**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2009.
- FRANCISCO, Flávio Tales Ribeiro. **Fronteiras em Definição: Identidades Negras e Imagens dos Estados Unidos e da África no Jornal O Clarim da Alvorada (1924-1932)**. 1. ed. São Paulo: Alameda, 2013.
- GIACOMINI, Sônia Maria. **A Alma da Festa: Família, Etnicidade e Projetos num Clube Social da Zona Norte do Rio de Janeiro - O Renascença Clube**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2006.
- GILROY, Paul. **O Atlântico Negro: Modernidade e Dupla Consciência**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 2012.
- GOMES, Ângela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos. **Intelectuais Mediadores: Práticas culturais e ação política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016
- GONDRA, José Gonçalves; SCHUELER, Alessandra. **Educação, poder e sociedade no Império Brasileiro**. São Paulo: Cortez, 2008.
- MOREIRA, Carlos Eduardo de Araújo; SOARES, Carlos Eugênio Líbano; GOMES, Flávio dos Santos; FARIAS, Juliana Barreto. **Cidades Negras: Africanos, Crioulos e**

# INSTRUÇÃO E PROJETOS DE INTELLECTUALIDADE NEGRA NO RIO DE JANEIRO

STEPHANE RAMOS DA COSTA

---

Espaços Urbanos no Brasil Escravista do Século XIX. São Paulo: Editora Alameda, 2006.

MÜLLER, Liane Susan. **As Contas do meu Rosário são Balas de Artilharia**. Porto Alegre: Pragmatha, 2013.

OLIVEIRA, Anderson José Machado de. **Devoção Negra: Santos Pretos e Catequese no Brasil Colonial**. Rio de Janeiro: Quartet Editora, 2008.

SILVA, Joselina da. **Renascença: Lugar de negros no plural**. 2001. Dissertação. UERJ

SILVA, Selma Maria da. **Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos: Práxis de Africanidade**. Rio de Janeiro: Editora Sempre Negro, 2008.

SCHWARCZ, Lília Moritz; GOMES, Flávio dos Santos (Orgs.). **Dicionário da Escravidão e Liberdade: 50 textos críticos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018

THOMPSON, Edward. **A Miséria da Teoria ou um Planetário de Erros: uma crítica ao pensamento de Althusser**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1981.